

CLÍTICOS NO TEATRO PORTUGUÊS QUINHENTISTA: VARIAÇÃO E GRAMÁTICA NOS AUTOS DAS BARCAS (INFERNO E PURGATÓRIO).¹

Daniela Soares Oliveira², Cristiane dos Santos Namiuti³

RESUMO

O presente trabalho busca discutir a relação entre a sintaxe dos pronomes clíticos e o estatuto gramatical dessa sintaxe nos autos das barcas vicentino (inferno e purgatório). Como afirma Teyssier (2005), a obra de Gil Vicente é interessante em si mesma, e isso se torna mais inteligível quando podemos conhecer o valor dos seus traços linguísticos. Desta forma, a obra de Gil Vicente contribui com a pesquisa sobre as gramáticas que figuraram na diacronia da língua, especialmente com a investigação da sintaxe dos clíticos no Português Clássico. Consideramos as hipóteses de Martins (2011), Galves (2015) e Namiuti e Cruz (2023), e atestamos que na colocação dos pronomes clíticos nos autos das barcas (purgatório e inferno) há predominância da próclise, contrariando a hipótese de uma gramática popular ênclítica defendida por Martins (2011).

PALAVRAS-CHAVE: Gil Vicente, Português Clássico, Pronomes Clíticos, Sintaxe.

CLITICIANS IN SIXTEENTH-CENTURY PORTUGUESE THEATER: VARIATION AND GRAMMAR IN AUTOS DAS BARCAS (HELL AND PURGATORY).

ABSTRACT

The present work aims to discuss the relationship between the syntax of clitic pronouns and the grammatical status of this syntax in the files of the Vincentian boats (hell and purgatory). As Teyssier (2005) says, Gil Vicente's work is so interesting in itself, and it becomes more intelligible when we can know the value of its linguistic features. In this way, Gil Vicente's work contributes to research on the grammars that figured in the diachrony of the language, especially with the investigation of the syntax of clitics in Classical Portuguese. We consider the hypotheses of Martins (2011), Galves (2015) and Namiuti and Cruz (2022), and we attest a predominance of proclisis, contrary to the hypothesis of an enclitic popular grammar defended by Martins (2011).

KEYWORDS: Classic Portuguese, Clitic Pronouns, Gil Vicente, Syntax.

INTRODUÇÃO

¹ Apoiado financeiramente pela Fundação de Amparo a Pesquisa do estado da Bahia (FAPESB: BOL:2419/2023, APP: 0007/2016),

² Estudante de Graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

³ Professora do DELL - Departamento de Estudos Linguísticos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

O presente trabalho está vinculado a um projeto maior denominado "Sintaxe diacrônica em corpus eletrônico: do português pré-clássico às variantes modernas"¹, que vem sendo desenvolvido no Lapelinc².

Como afirma Paul Teyssier na introdução do seu livro "A Língua de Gil Vicente" (2005), o teatro Vicentino é o documento linguístico mais rico e mais variado do Portugal do século XVI. Com uma diversidade de personagens, o teatro vicentino é universal ao mostrar todos os tipos, todas as condições e, a partir delas, todas as variantes linguísticas. O nosso objetivo de pesquisa é descrever o uso que seus personagens fazem dos pronomes clíticos e testar hipóteses sobre a(s) gramática(s) da língua no período do Português Clássico.

Martins (2011), ao analisar a colocação dos pronomes clíticos no teatro vicentino, atesta a existência de duas gramáticas. Uma gramática culta proclítica, que aparece nas obras literárias da época e uma segunda gramática popular enclítica, presente nas falas dos personagens populares nos autos vicentinos. Já Namiuti e Cruz (2023), ao analisarem a colocação pronominal átona em dois autos de Gil Vicente (A barca do Inferno e o Auto da Feira), atestam que as frequências de ênclise e próclise são afetadas pelo fator sintático, e não pelo fator social.

Para darmos continuidade a esta investigação sobre a colocação dos clíticos na obra de Gil Vicente e sua relação com a gramática, investigamos a colocação de clíticos no Auto da Barca do Purgatório.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia do trabalho incluiu leitura da vida e obras de Gil Vicente, reuniões para leituras e discussões do referencial teórico básico para pesquisa. O corpus desta pesquisa foi o Auto da Barca do Purgatório, um auto de moralidade, maniqueísta, que foi representado a Rainha D. Lianor em Lisboa, no Natal de 1518, a edição utilizada do Teatro de Gil Vicente foi a que está disponibilizada no Corpus Histórico do Português Anotado Tycho Brahe (<http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>). Os dados foram extraídos de maneira manual³ por meio da leitura do auto e tabulados em arquivo Excel. Foram observados para a tabulação e descrição dos dados: o personagem; a colocação

¹ Dá continuidade à vertente linguística desse projeto temático, mais especificamente à pesquisa em Sintaxe, em diálogo com a Linguística de Corpus.

² Laboratório de Pesquisa em Linguística de Corpus coordenado pelos professores Cristiane Namiuti (PPGLin/UESB) e Jorge Viana (PPGLin/UESB).

³ Não foram utilizados os recursos de busca automática do corpus anotado pois, no momento, o corpus Tycho Brahe não conta com a versão anotada deste texto.

do clítico; o tipo de clítico; os elementos que precedem o verbo; o tipo de predicado; e o tipo de oração.

A classificação foi feita em relação a possibilidade de variação da colocação dos clíticos nos contextos sintáticos em: contextos de Variação I (orações principais introduzidas por sujeito neutro, adjuntos, advérbios que permitem a variação e objetos fronteados); contextos de Variação II (orações coordenadas introduzidas somente pela conjunção coordenativa e orações principais ou coordenadas introduzidas por oração adjunta); contextos categóricos de próclise (orações subordinadas e orações principais introduzidas por advérbios proclisadores); e contextos categóricos de ênclise (orações principais com o verbo em primeira posição absoluta).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Teyssier (2005), é nos autos vicentinos que a linguagem ‘rústica’ aparece pela primeira vez na literatura portuguesa. O autor afirma que “graças à análise da linguagem rústica dos autos, podemos descrever e explicar muitos traços do português popular falado na primeira metade do século XVI”. (TEYSSIER, 2005, p. 89). Então, ao analisar o auto, foi possível verificar que a próclise é predominante, inclusive nos contextos sintáticos de variação. Foram atestadas no Auto da Barca do purgatório 120 dados com clíticos acusativos e dativos de primeira, segunda e terceira pessoa nas falas dos personagens, sendo 61 em contexto de próclise categórica (ex. 1), 29 em contexto de ênclise categórica (ex. 2), 18 casos de próclise em contexto de variação I (ex. 3), 05 casos de ênclise em contexto de variação I (ex. 4), 01 caso de próclise em contexto de variação II (ex. 5), e 06 casos de ênclise em contexto de variação II (ex. 6).

- (1) Dize pulga de judeu que **lhe** dezias tu er então? (Lavrador)
- (2) Cumpre-**me** d’ aparelhar (Diabo)
- (3) Eu **vos** leuarei aos ceos (Diabo)
- (4) Minha mãe valei-**me** aqui (Pastora)
- (5) ora affi me falue Deos **& me** liure do Brafil (Marta Gil)
- (6) E fui-**me** per esse chão (Pastor)

Conforme demonstram a tabela 1 e 2, a próclise é predominante no contexto de Variação I enquanto a ênclise predomina no contexto de variação II, com a frequência, respectivamente, de 0,64 e 0,71.

TABELA 1: Próclise e ênclise em contexto de variação I

Posição do Clítico	Ocorrências	Frequência
Próclise	18	0,78
Ênclise	05	0,22
Total	23	

Fonte: Elaborada pelas autoras.

TABELA 2: Próclise e ênclise em contexto de variação II

Posição do Clítico	Ocorrências	Frequência
Próclise	01	0,14
Ênclise	06	0,86
Total	07	

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Considerando que os personagens do auto analisado são em sua maior parte personagens populares e que a próclise é predominante nos contextos de variação I, sendo a predominância da ênclise apenas nos contextos de variação II, a hipótese de Martins (2011) em relação a uma gramática popular enclítica fica enfraquecida.

CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES

Observou-se neste trabalho que nas falas dos personagens vicentinos há predominância da próclise nos contextos de variação I (frequência de 0,78), sugerindo assim uma língua popular proclítica, aproximando da gramática que aparece nas obras literárias de diferentes gêneros da época. Porém, com a ênclise aparecendo em proporções superiores nos contextos de variação I (frequência de 0,22), diferentemente das frequências encontradas em textos literários do século XVI e XVII por Galves, Namiuti, Paixão de Sousa (2006) que atestam frequência de 0,1 na maioria dos casos. Por outro lado, os contextos de variação II atestaram uma frequência alta de ênclise como prediz Martins (2011). Não obstante, observou-se também que nem a próclise nem a ênclise se limitam a uma determinada categoria de personagens. Assim, tanto personagens populares, alegóricos ou cultos podem realizar próclise ou ênclise, nos contextos de variação I e II, fato que corrobora a hipótese de se tratar de uma ênclise derivada de uma gramática do Português Clássico descrita por Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006) e que é a mesma gramática da língua popular retratada por Gil Vicente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 GALVES, Charlotte Marie Chambelland. A ênclise no português clássico. Variação, gramática e uso. In: Cristina Figueiredo; Edivalda Araújo. (Orgs.). **Diálogos com Ribeiro**. Sobre gramática e história da língua portuguesa. 1ed.Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2015, p. 61-77

2 GALVES, Charlotte Marie Chambelland., NAMIUTI, Cristiane. & PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Novas perspectivas para antigas questões: A periodização do português revisitada. Em: A. Endruschat R. kemmler e B. Schäfer-Prieß (Orgs): **Grammatische Strukturen des europäischen Portugiesisch**: Synchrone und diachrone Untersuchungen zu Tempora, Pronomina, Präpositionen und mehr. Tübingen: Calepinus Verlag, 2006.

3 MARTINS, Ana Maria. Clíticos na história do português à luz do teatro vicentino. **Estudos de lingüística galega**, v. 3, 2011.

4 NAMIUTI, Cristiane. **Aspectos da história gramatical do português. Interpolação, Negação e Mudança**.(Tese de Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

5 NAMIUTI, Cristiane; CRUZ, Raiana Cristina Dias. O estatuto gramatical da sintaxe dos clíticos em dois autos do teatro de Gil Vicente: Competição de Gramáticas ou questões de Interface?. In: **Morfologia, Sintaxe e Interfaces** (Coleção Linguística em Rede, v.5, ISBN: 978-65-5637-729-2). Campinas: Pontes, 2023, v.5, p. 139-165.

6 RAMOS, Noémio. **Gil Vicente, Pastoril Português**: os líderes a Arcádia História da Europa – 23. Faro: BNP, 2017.

7 TEYSSIER, Paul. **A língua de Gil Vicente**. Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Lisboa, 2005.